

## Notas Sobre Livros

Rubem Braga e Fernando Sabino, editores do livro de Sartre — FURACÃO SOBRE CUBA, são cronistas encarçados de espírito essencialmente anti-Sartre, e daí o violento contraste que sentimos, depois de ler o livro, ao ler suas reportagens ou crônicas, coladas no fim do volume sob a forma de apêndice. Sartre busca sobretudo compreender para transmitir ao leitor o fruto da sua compreensão; Braga e Sabino não compreendem nada, não querem compreender, e é seu propósito evidente levar o leitor a também não compreender aquilo sobre que escrevem. Sartre é um analista que desce ao âmago da revolução cubana; Braga e Sabino são dois cronistas que ficam borbolecando na superfície das coisas, tomados de horror e de incapacidade diante do que pode haver de essencial por baixo da superfície sobre a qual borbolecaram.

Sabino confessa: "Intelligentemente, não tenho tempo senão de julgar pelas aparências". Fosse isso, não teria tempo para a mesma coisa, pois seus julgamentos — diríamos melhor: seus palpites — resultam sempre de uma observação superficial das aparências. Aliás, é esse próprio aspecto de efeito dos dois cronistas: brincar de finos e brilhantes, como asas de borboleta, no comentário superficial das aparências, com isso divertindo o seu pequeno público bem e bem pagante e ajudando a mistificar o grande público.

Ao botarem o pé em Cuba, há meses atrás, em companhia do candidato Jânio Quadros, que fazia ali uma visita de demagogia "revolucionária", o que acima de tudo preocupava os dois cronistas brasileiros era o fantasma comunista. Queriam a todo custo ver, identificar, apalpar o lendoso fantasma expatriado de Moscou. O contrário, justamente o contrário da mentalidade sartreana e dos propósitos de Sartre. O resultado é que suas crônicas ou reportagens só podem servir, como serviram, para reforçar os "argumentos imbecis da propaganda imperialista", a que se refere Sartre. Isto se desprende das linhas e das entrelinhas do que escreveram. Citamos algumas passagens típicas.

De Rubem Braga: "Naturalmente os comunistas procuram exagerar o antiamericanismo..." Para este cronista da boa vida, não foi o regime leninista de Batista que exacerbou o antiamericanismo dos cubanos — são os comunistas que o fazem, agora, depois da derrubada do bom americanista Fulgêncio Batista. Naturalmente!

Ainda de R. B. afirmando a fricção diplomática existente entre o governo revolucionário de Cuba e o Departamento de Estado: "... é impossível esconder que uma parte dessa fricção diplomática Cuba-Estados Unidos é de culpas dos dirigentes cubanos", com suas "bravatas desonestas". Os comentaristas da UPI e da AP não deram melhor formulação a semelhante contradição da realidade. Se R. B. estivesse de serviço na atual Assembleia da ONU, certamente telegrafaria para o Brasil dizendo que o discurso de Fidel Castro na ONU foi também uma "bravata desonestista".

Outra preciosidade de R. B.: "Honestidade foi e é uma grande bandeira de Fidel, por mais que nossos políticos "dialéticos" e "realistas" descreiam da eficiência dessa palavra de ordem". Repare-se em primeiro lugar na desdenhosa suficiência com que o velho e gasto cronista se refere a "dialéticos" e "realistas" — na citação de um livro de Jean-Paul Sartre! Fugiu anti-Sartre ali se revela de corpo e alma, manipulador de boas ironias, escriba de e para imbecis. Fugiu também a R. B. onde, quando, como e em que texto, em que livro, em que jornal, em que discurso, em que declaração, em que ato, em que atitude de algum dos comunistas brasileiros ("nossos políticos dialéticos e realistas") pode ser apontado um gesto ou uma palavra de descrença na eficiência da "honestidade" como palavra de ordem política? A pergunta fica sem resposta e sem prova, visto que, feita imputação caluniosa, por isso mesmo que é caluniosa, não possui base provada nem provável. E não assim esses moralistas da vasoura: mesmo quando falam na palavra "honestidade" estão praticando alguma desonestidade.

O modo do fantasma comunista ressua de toda a reportagem de Fernando Sabino. Inclusive quando, a imitação do cronista R. B., toma uma área desdenhosas em relação ao "materialismo dialético" ou "dialético do materialismo histórico", como ele escreve em sua meia língua de baboete. Sartre, se lido a dupla excessividade colada no final do seu volume, há de ser lembrado aos seus leitores, em bom latão: "ne soit votre supérieur".

Sabino relata que ao descer do avião, em Havana, a comitiva do revolucionário Jânio foi cercada por um grupo de "jovens alcegas e garças (...), correndo com flores e vestidos de sala preta, blusa vermelha e distintivo no braço... e que logo lhe protocolou a primeira palavra de suspeita: "a de que o País sucumbirá mesmo sob o domínio de uma ditadura de inspiração comunista" ou que seria "decorrente de um processo revolucionário deteriorado". A esta altura, Sabino terá refletido em bom francês a histórica exclamação de Cambronne. Não é para menos.

Uma obsessão anticomunista levou Sabino a perguntar a Che Guevara — "a atitude de Cuba frente aos Estados Unidos e a tendência social-fundada da política revolucionária não poderiam servir (...), de cabeça de ponte da URSS para uma infiltração comunista — que ameaçasse a integridade da América". Guevara, paciente, bem humorado, sorriu e fez uma resposta sensata e limpa do repórter brasileiro. Mas não é difícil encontrar, nas entrelinhas da resposta, o que estaria pensando o jovem chefe revolucionário acerca da inteligência.

Falta-nos espaço para novas citações. Mas as amostras que aí ficam são suficientes para caracterizar a qualidade do espírito que estamos comentando. O livro de Sartre é excelente e merece ampla leitura. As páginas do apêndice Braga-Sabino podem ser arrastadas sem nenhum prejuízo para o volume — pelo contrário.

Astrojildo Pereira

## Contágio Mental só?

Continuam fugindo meninas, desaparecendo moças. Os jornais trazem os retratos não apenas das que fogem, mas das mãos em pranto, dos pais arrancando os cabelos. Pode-se ter mania em colecionar coisas, como é o meu caso, colecionar furas hoje, como ontem selos ou cartões postais. "Última Hora" ouviu sobre o fato um psiquiatra e um padre. Vale a pena registrar o que disse o primeiro: "O Rio de Janeiro é hoje um conglomerado humano de três a quatro milhões de habitantes e é bastante natural que, como todos os centros superpovoados, forneçam grande margem estatística de atos desta categoria. O que é interessante nos casos atuais é a repetição do velho fenômeno do contágio mental. Um crime de certa natureza é logo seguido de outro de igual natureza. Comprova-se, assim, a extraordinária força psicológica que é a suggestibilidade coletiva, a terrível arma de dois gumes, que ora serve ao bem, ora ao mal". Assim falou o dr. Jurandir Manfredini, psiquiatra, com o qual estive de acordo.

Mas acho que se deve olhar com mais atenção essas fugas, principalmente porque elas não estão acontecendo na Zona Sul ou em Copacabana — colada, que é sempre considerada uma capital de vícios e crimes — mas na Zona Norte, em subúrbios distantes, em lugares de moradores com vida pequena e pequenos salários. Naturalmente que um "crime é logo seguido de outro", mas essas moedinhas de subúrbio estão fugindo porque querem ter uma vida melhor, aquela vida que elas veem no cinema, que lem nos jornais, que é apregoada pelos colonistas sociais. São jovens, são bonitas, não encontram um caminho certo para suas revoltas, tomam o erro, raem, e vão depois aumentar o número tão triste de suas moitórias de fofos.

Quem quer livros com teor conselheiro do valor da liberdade, fugem da miséria, da vida paguquina, fogem pensando que vão poder viver com aquele luxo que viram nos filmes americanos, pensando que encontrarão um princípio que se transforme em princesas. Não culpemo-las. Não acusemo-las. Agora mesmo os jornais estão contando que uma delas saiu num conto de vigário: "o conto do milionário". Um sujeito sem tostão apresentava-se bem vestido, elegantíssimo mesmo, de automóvel sempre (era vendedor de lés) e convenceu a moedinha que era um milionário. Ela acreditou: as moedinhas acreditam muito nos contos de fadas. E fugiu com ele, deixou mãe, casa modesta, família, para viver como a Soraya, para ser importante como a Lolobrigida.

Não está faltando a essas moedinhas o amor das famílias? Não lhes está faltando compreensão e paciência dos pais? Uma fuga traz muitas furas mas para que isso aconteça é necessário que haja razão em cada uma das que fogem. Casos de várias espécies e creio que a principal e justamente a falta de amor das famílias.

Enoide

## ESTUDOS SOCIAIS (Nº 9)

Circulará ainda este mês, tranqueiros de electricidade no Brasil — José Almeida.

- O V Congresso dos comunistas brasileiros — Jacob Gorenleder.
- Pecuária de corte e indústria de carne — Jacob Franz.
- Carta aos livreiros do Brasil — Geir Campos.
- Sartre, suas contradições formais e seus méritos — Leandro Konder.
- Um livro sobre o desenvolvimento — Aristóteles Moura.
- Quilombos (II) — Miguel Costa Filho.

Além destes artigos figuram no nº 9 de Estudos Sociais as seções de **Crítica de Livros** e **Crítica de Revistas**.

# REPAROS A UM PREFÁCIO DE LIVRO BRASILEIRO NA URSS

RUI FACÓ

Foi lançado este ano em Moscou um dos melhores romances de José Lins do Rego — **Cangaceiros**. Os soviéticos já conheciam do grande romancista brasileiro **Moleque Ricardo**, numa edição dos anos de 30, hoje esgotada. Agradou-lhes bastante esse romance do autor do ciclo de ficção da cana-de-açúcar. De certo, maior sucesso ainda terá alcançado **Cangaceiros**, pois particularmente aos russos emocionam, como se vissemos eles próprios, dramas tão vividamente narrados, com aquela força de linguagem tão característica de Lins do Rego. Agradou-lhes sobretudo esse misto de bravura e humildade que impregna a alma do nosso sertanejo, dando-lhe um ar ao mesmo tempo romântico e realista. Em resumo, **Cangaceiros** dará ao leitor soviético uma idéia ainda mais clara da riqueza e da originalidade da nossa ficção contemporânea, da qual infelizmente ainda tem poucos exemplares.

Mas a edição de **Cangaceiros** lançada na URSS merece alguns reparos, não pela tradução, e sim pelo prefácio, que pode causar confusão sobre o fenômeno do cangaço em nosso país. O prefácio de **Cangaceiros** em russo se deve a um dos mais dedicados estudiosos de problemas brasileiros, o professor **Vassil Ermoláiev**. Há anos vem ele procurando conhecer a história do Brasil, possui uma razoável biblioteca de assuntos brasileiros, tem dado aulas e conferências na Universidade de Moscou sobre alguns episódios do nosso passado. Preocupa-o especialmente em seus estudos a fase da história do Brasil que precedeu a Independência, como admira apaixonadamente os movimentos revolucionários do século XIX que sucederam à Regência.

Falta-lhe porém o contacto direto com o nosso País e o nosso povo para melhor compreensão do nosso passado, através de um melhor conhecimento do presente. A ausência de relações entre o Brasil e a União Soviética naturalmente tem dificultado muitíssimo o estabelecimento de relações culturais entre os dois países, de forma a possibilitar aquela compreensão. Dai os equívocos de estudiosos esforçados, como o professor Ermoláiev, no caso concreto do prefácio do romance de José Lins do Rego.

Nota-se, por exemplo, que o professor Ermoláiev não consegue fazer uma distinção indispensável — e que admitimos ser difícil — entre dois fenômenos tão diversos como as revoltas camponesas do tipo de Canudos e Contestado, de um lado, e os bandos de cangaceiros, de outro. Sua tendência natural é identificá-los, uma vez que pegam em armas contra os mesmos opressores — os grandes proprietários de terra semifeudais — as mesmas vítimas de terra e opressão, os despossuídos da terra. E verdade que o prof. Ermoláiev consigna o fato de que «os latifundiários e a polícia, são raros, transformam os cangaceiros em agentes selos» (p. 11). Cita como exemplo Lampião. Adverte que seria errado considerar rescaldo do «movimento camponês» inspirado pela «cúpula latifundista-clerical», como errôneo seria encará-lo como um puro movimento revolucionário camponês. Mas não esclarece o principal: que o cangaço existia, embora tendo em sua origem a revolta espontânea contra uma ordem de coisas terrivelmente injusta, a nada conduziu as massas camponesas exploradas e oprimidas. Ao contrário, os bandos de Lampião, Antônio Silvino, Luís Padre, Corisco e tantos outros degeneraram em simples saltadores e assassinos. Colocaram-se invariavelmente a serviço de latifundiários, na luta renhida entre estes. Mais ainda, não viveriam sem os latifundiários, que se transformavam em coletores seus.

O que condenamos no cangaço não é apenas a violência pela violência, mas também não ter em conta o verdadeiro estado de espírito das massas camponesas; estar desligado de todo movimento popular e da luta pela terra ou simplesmente contra a exploração feudal: é a sua ausência de ideologia e, portanto, de consequência, de objetivos claros e definidos, de classe; é a degenerescência do cangaço em lumpem. O cangaço tem apenas um elemento positivo: o sentimento de revolta que o gera. Traduz de início esse sentimento. Mas logo a seguir o trai, pois sua ação é cega.

O cangaço, é verdade, é uma modalidade de guerrilha, mas guerrilha desligada de um centro diretor, sem um núcleo-matriz que a alimente, pois a dispersão dos reduzidos bandos de cangaceiros pelos sertões é a sua morte. E ela mesma

uma demonstração de impotência, modalidade de luta que, por mais que dure, a nada conduz. E a nada conduz precisamente porque lhe faltam objetivos de caráter social: os objetivos ficam reduzidos aos imediatos e grupais de manter o bando, assegurar alimentos e armas, destruir outros bandos, praticar assaltos contra este ou aquele fazendeiro caindo na prática geralmente a serviço deste ou daquele fazendeiro, contra seu adversário mas próximo.

A ausência, por tudo isso, de espírito revolucionário, e presença unicamente de espírito aventureiro.

Os fatores do cangaço, naturalmente, são econômicos e sociais, e não os tão alardeados motivos de ordem pessoal, de perseguição a determinados indivíduos, mesmo quando essa perseguição exista. O cangaço como fenômeno social é produto direto da luta de classes no campo. Mas, do lado das classes dominantes no campo esta modalidade de luta não oferece nenhum perigo. Estas classes dispõem do poder econômico que lhes dá limitada capacidade de corrupção, submetendo facilmente a seu guante e utilizando para seus objetivos qualquer desgarrado bando de cangaceiros.

Muito diversa é a ação de movimentos como Canudos, Contestado e até mesmo um reduto de proporções incomparavelmente menores, como foi o de Zé Lourenço (o beato Lourenço). Ai já temos uma distinção fundamental: a ocupação de terras. Só isto é motivo de profundas inquietações por parte dos grandes proprietários, porque no mínimo seria exemplo perigoso a propagar-se. Mas, o mais sério é que, ao contrário do cangaço, redutos como aqueles se enraízam nas massas do campo, têm chama revolucionária e alimentam um espírito revolucionário, isto é, de transformação radical das relações de produção no campo.

Mas o professor Ermoláiev revela não só não perceber esta distinção, como ainda inclui o movimento rebelde de Juazeiro ao lado de Canudos e Contestado, afirmando, de maneira errônea, ter sido ele também atingido em sangue. O que não é verdade. Juazeiro serviu diretamente a objetivos políticos imediatistas dos coronéis do Cariri na sua luta pelo governo do Estado do Ceará. Os jagunços do Padre Cicero e Floro Bartolomeu foram financiados diretamente pelo governo federal (ou melhor, por Pínehiro Machado) para derrubar o governo local de Franco Rabêlo e justificarem uma intervenção federal no Estado. (E não «intervenção» contra os jagunços, como parece ter compreendido o prof. Ermoláiev).

O autor do prefácio ao romance de Lins do Rego supõe encontrar autênticas sublevações camponesas revolucionárias em simples atos de cangaço. Dai escrever a certa altura que «grandes insurreições camponesas tiveram lugar nesse período (cômo deste século — RF) nos Estados do Nordeste...». E que «no Estado de Alagoas ocorreram insurreições de índios» (p. 8), que nós brasileiros desconhecemos.

A visão deformada adquirida pelo prof. Ermoláiev em relação às lutas do campesinato brasileiro levava-o a encontrar no Contestado um movimento «de caráter anti-imperialista», em face da «ampla expansão dos trustes estrangeiros». E afirma: «A guerra camponesa do Contestado, como os subsequentes movimentos revolucionários do campesinato brasileiro no Sul e Nordeste do País orientava-se diretamente, antes de tudo, contra os trustes norte-americanos» (p. 9).

Infelizmente não é verdade. Passado quase meio século da destruição do Contestado, a consciência antilimpialista entre o povo brasileiro ainda não adquiriu as proporções desejadas. De fato, ela começou a formar-se, a ganhar nitidez entre as massas populares nos



### Sertanejo agrada na URSS

Há um grande interesse dos soviéticos pelas coisas do Brasil, principalmente de nosso povo. Dai o sucesso dos romances que retratam o sertanejo. No clichê, fac-símile de Cangaceiros.

### Tópicos Típicos

- últimos 15 ou vinte anos. Muito menos poderia estar incutida entre as atrasadas massas camponesas do começo do século.
  - Mais algumas observações de detalhes, mas que serão úteis para um melhor esclarecimento mútuo. Desconheço o fato citado pelo professor Ermoláiev de que destacamentos de Lampião combateram na Coluna Prestes (p. 11). Acrescento ainda o autor do prefácio de «Cangaceiros» que o primeiro golpe no cangaço foi vibrado ainda pela Coluna Prestes (p. 14), coisa de que jamais ouvira falar antes. E finalmente não é verdade que a literatura de autores nordestinos surgiu da depois de 30 seja denominada entre nós de literatura do «Inferno Verde» (p. 5). O que se convencionou no Brasil chamar de Inferno Verde é a Amazônia, e não o Nordeste, que só poderia ser inferno seco.
  - Não creio que estes reparos ao prefácio do professor Ermoláiev o desanimem no seu esforço de compreender os problemas do Brasil. Espero, ao contrário, que contribuam para lhe mostrar o quanto são complexos os nossos problemas e que merecem um estudo mais cuidadoso. O professor Ermoláiev, no seu entusiasmo pelo Brasil, é capaz de fazê-lo.
- Trechos de conversas ouvidas na rua:
- Amanhã vai faltar água em Ipanema.
  - Como é que você sabe?
  - Por causa das eleições. O Mário Morel entrou pelo casa.
  - Soube do que aconteceu com o Milton Campos?
  - Não. Que foi?
  - Entrou num restaurante, o garçon gritou «serviço pra um!» e ele — zas! — saiu correndo. Nunca trabalhou na vida.
  - Que é que você está lendo aí, fãlhoso?
  - Um artigo do Nelson Coimbra, no JORNAL DO BRASIL.
  - Sobre que?
  - Sobre rebundismo.
  - Larga disso, rapaz. Isso não leva a boa coisa.
  - O Flávio Cavalcanti está puxando briga com Antonio Maria.
  - É verdade. Eu também, quando menino, era o tipo do fraco abusado. Mas tem um porém: nunca tive boquinha de flor.
  - O Gudín disse no O GLOBO que o marxismo não existe mais.
  - Quem não existe mais é ele, que já virou ectoplasma.
  - Sabe que uma antepassada do poeta Konder Reis (da família Breves) derramou chumbo deitado no ouvido do marido, enquanto o marido dormia?
  - Sei. E dizem até que a audição do marido piorou sensivelmente, depois do evento.
  - Você, que votou no Ademar, o que me diz das eleições?
  - Quem ri por último ri melhor.
  - Nada disso: quem ri por último ri atrasado.
  - Diálogo na fila de votação:
  - Moco, qual é o número do Tenório Cavalcanti?
  - O número do Tenório Cavalcanti é Sérgio Magalhães, se você tiver um mínimo de consciência.
  - Dizem que o Gilberto Freyre vai ser ministro de Jânio.
  - Gilberto, o cresnita apituquense?
  - O próprio.
  - Não vá ele ter uma gestão ministerial fãlhosa, nos moldes do salazarismo, que tanto estudou.

Pedro Severina

## CHINA

REVISTA ILUSTRADA

em cores  
Uma festa para seus olhos em todas as bancas ou na  
AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL  
R. dos Estudantes, 24 - 1/25  
SÃO PAULO  
Número Avulso — Cr\$ 35,00  
Assinatura anual — 630,00  
Visite-nos!  
Os pedidos de assinaturas devem ser acompanhados de cheque ou vale postal.